

AS POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS VISUAIS NAS PESQUISAS DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA NO MATO GROSSO

THE INVESTIGATIVE POSSIBILITIES OF VISUAL HISTORICAL NARRATIVES IN THE HISTORY EDUCATION'S RESEARCHES IN MATO GROSSO

Marcelo Fronza¹

RESUMO

Neste artigo busca-se diagnosticar as investigações dos professores historiadores do Grupo Pesquisador Educação Histórica: consciência histórica e narrativas visuais (GPEDUH/UFMT), que, a partir das narrativas históricas audiovisuais, tais como as histórias em quadrinhos, os *games*, os filmes e *sites* da internet como, por exemplo, o *YouTube*, pesquisam a consciência histórica dos jovens estudantes da Educação Básica mato-grossense. Isso leva à pressuposição de que as narrativas visuais, como o cinema, as histórias em quadrinhos, a internet e os *games* e jogos com temas históricos são formas de narrar que podem expressar e desenvolver a consciência histórica desses jovens alunos da Educação Básica a partir das dimensões estética, cognitiva, política dos artefatos da cultura histórica de sua comunidade (RÜSEN, 2009). A investigação dessas narrativas históricas visuais possibilita a explicitação da competência de geração de sentido de orientação no tempo dos jovens que percebem, interpretam e se orientam no fluxo temporal entre o passado, o presente e as expectativas de futuro (RÜSEN, 2015a). Essas narrativas possibilitam que esses professores historiadores construam investigações que inventariem as ideias históricas dos jovens e seus posicionamentos políticos, estéticos, cognitivos e éticos perante os desafios que enfrentam em sua práxis vital.

Palavras-chave: Educação Histórica. Narrativas históricas visuais. Aprendizagem histórica dos jovens estudantes.

ABSTRACT

This article seeks to diagnose the investigations of the historian professors of the History Education Research Group: historical consciousness and

¹ Professor do quadro permanente do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil. Doutor em Educação na Universidade Federal do Paraná. E-mail: fronzam08@gmail.com

visual narratives (GPEDUH / UFMT), which, based on historical audiovisual narratives such as comics, games, Internet sites, such as YouTube, research the historical consciousness of young students of Basic Education in Mato Grosso. This leads to the assumption that visual narratives, such as cinema, comics, the internet and games and board games with historical themes are narrative forms that can express and develop the historical consciousness of the young students of Basic Education from the aesthetic, cognitive, cultural politics of the artefacts of the historical culture of their community (RÜSEN, 2009). The investigation of these historical narratives makes it possible to explain the competence of generating a sense of orientation in the time of the young people who perceive, interpret and orient themselves in the temporal flow between the past, the present and the expectations of the future (RÜSEN, 2015a). These narratives enable these historian professors to construct investigations that inventory the historical ideas of young people and their political, aesthetic, cognitive, and ethical stances in the face of the challenges they face in their life praxis.

Keywords: History Education. Visual historical narratives. Historical learning of young students.

INTRODUÇÃO

Neste artigo busco inventariar as possibilidades investigativas que os professores historiadores desenvolvem quando pesquisam as ideias históricas dos jovens estudantes da Educação Básica mato-grossense a partir das narrativas históricas audiovisuais, tais como as histórias em quadrinhos, os *games*, os filmes e sites da internet como, por exemplo, o *Youtube*, que abordam temas históricos. Esse conjunto de investigadores participa do projeto de pesquisa *Os jovens e as ideias de verdade histórica e intersubjetividade na relação com as narrativas históricas visuais* do Grupo Investigador Educação Histórica: consciência histórica e narrativas visuais (GPEDUH/UFMT) vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH/UFPR) que insere-se no conjunto de pesquisas relativas à linha de investigação ligada à cognição histórica situada (SCHMIDT, 2009), que tem como princípios e finalidades a própria ciência da História e servem de fundamento à área de pesquisa da Educação Histórica, um campo de investigação que estuda as ideias históricas dos sujeitos em contextos de escolarização, de tal forma que é estruturada por pesquisas empíricas que dialogam com a teoria da consciência histórica (RÜSEN, 2001, 2012).

Assim, o objeto de investigação, bem com o recorte teórico-metodológico da presente proposta de trabalho está circunscrito e dimensionado pela área de pesquisa que vem preocupando-se sistematicamente com a constituição de uma Didática da História e sua articulação com as pesquisas que dialogam com a teoria da consciência histórica no campo de pesquisa da Educação Histórica. Portanto, a partir da teoria da consciência histórica, os professores pesquisadores buscam compreender como se forma a cognição histórica situada dos sujeitos em contexto de escolarização (SCHMIDT, 2009).

Essa área de investigação busca pesquisar as ideias históricas de alunos e professores, tendo como fundamento principal a própria epistemologia da História. Os estudos sobre consciência histórica abrangem investigações sobre ideias substantivas e ideias de segunda ordem em História (LEE & ASHBY, 2000; LEE, 2006) e suas articulações com os fundamentos sobre a verdade histórica (BARCA, 2000; DRAY, 1969, 1980; MARTIN, 1989, 1993; MCCULLAGH, 1984, 1998; WALSH, 1978) e a intersubjetividade e sua relação com a função didática da História como um elemento ligado às dimensões estética, cognitiva e política da cultura histórica (RÜSEN, 2001, 2007, 2009, 2010).

Dentre as categorias que essa área de pesquisa aborda estão a verdade histórica, a intersubjetividade e a interculturalidade enquanto ideias que estruturam uma função didática e pública da História a partir da narrativa, tendo como fundamento principal a própria epistemologia da História. As narrativas históricas visuais pertencentes à mídia e às mediações culturais digitais podem fornecer sólidos elementos sobre como se constitui a memória histórica que estrutura a cultura histórica de uma comunidade e qual é o papel da intersubjetividade neste processo (RÜSEN, 2014, 2015a).

Para explicitar como se dá esse processo de desenvolvimento da Educação Histórica no estado do Mato Grosso apresentarei investigações qualitativas que estão sendo realizadas no âmbito do projeto supracitado relativo às narrativas históricas visuais. Dentre estas pesquisas estão as realizadas pelos estudantes do PIBID subprojeto História da Universidade Federal de Mato Grosso com o *Projeto Africanidade e História Africana, Afro-Brasileira e História Indígena* (TORRES; BORGES & SANTOS, 2015; CAMPOS; AMORIM & VIANA, 2015; MACIKIO & BERTOLINI, 2015). Também apresento

os estudos relativos à dimensão didática e biográfica das histórias em quadrinhos ("Autor", 2016a, 2016b). Inventário também as investigações ligadas às ideias históricas dos jovens estudantes do ensino médio mobilizadas por meio de jogos eletrônicos (FREITAS, 2017) e as pesquisas relativas sobre como os *manhwas*, as histórias em quadrinhos coreanas, estão presentes na cultura histórica dos estudantes brasileiros (CAMPOS, 2017).

O AUTOCONHECIMENTO DOS JOVENS PELA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA COMO FUNDAMENTO DA APRENDIZAGEM A PARTIR DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS VISUAIS

Para o desenvolvimento de uma aprendizagem histórica significativa o critério fundamental é a estruturação da forma de pensar a narrativa história, que é a expressão da consciência história mobilizada por quatro operações mentais que constituem a competência de geração de sentido histórico nos sujeitos. A operação da experiência histórica se objetiva nas relações de diferença entre o passado e o presente inferidas a partir de evidências pautadas em fontes e testemunhos históricos. A operação mental da interpretação histórica diz respeito aos quadros de interpretação teóricos que dão significado e valores estéticos, cognitivos, éticos e políticos às experiências históricas. A operação da orientação histórica fornece o sentido orientação no tempo entre passado, presente e futuro organizado por uma ideia histórica que estrutura as interpretações e as experiências históricas tendo em vista a construção, pelo sujeito, de uma identidade pautada no autoconhecimento a partir do outro. A motivação opera a intencionalidade ou vontade de agir por meio da orientação de sentido no tempo. É, portanto, uma "ética da mentalidade" da orientação temporal identitária voltada para o agir na práxis social dos sujeitos históricos (RÜSEN, 2014, p. 182-189).

Levando em consideração as operações mentais da consciência histórica, a constituição de critérios que forneçam sentido temporal à aprendizagem histórica pode ser verificada a partir de três parâmetros: a experiência, a subjetividade e a intersubjetividade.

A aprendizagem histórica é marcada pelo crescimento das experiências históricas. Nesse sentido, o passado deve ser apropriado para que o estudante compreenda a diferença deste em relação

ao presente da sua vida prática. Por meio da experiência histórica, o presente se torna, portanto, "histórico". A função didática das experiências históricas abertas é, em sua contingência, permitir a construção de modelos de interpretação históricos que problematizam os lugares comuns presentes nas formas tradicionais e exemplares de interpretação e orientação temporais (RÜSEN, 2012, p. 87, 104-105).

O aumento da subjetividade histórica é outro parâmetro da aprendizagem histórica que se dá na interação dos sujeitos com os outros. Narrar é um processo comunicativo demarcado na orientação existencial no tempo. A subjetividade de estudantes e de professores é expandida com a auto compreensão temporal e acontece quando as experiências e as interpretações históricas levam a auto avaliação dos sujeitos. A atitude subjetiva ocorre quando, pela narrativa, as histórias interiorizadas "interpelam diretamente os sujeitos (subjetividade forte)" por meio das experiências contemporâneas de sua vida prática. Esse é o princípio da liberdade, onde os estudantes e professores produzem suas próprias orientações e interpretações históricas (RÜSEN, 2012, p. 87-88, 106-107).

A expansão da intersubjetividade é o principal parâmetro para a aprendizagem histórica significativa. Ela diz respeito à ampliação da capacidade de comunicar e articular memórias históricas por meio da formação da identidade dos sujeitos. A intersubjetividade internaliza, nos estudantes e nos professores, o processo de constituição da consciência histórica coletiva da humanidade em suas próprias biografias em relação com as dos outros no tempo e no espaço. Os princípios que regem a intersubjetividade são o diálogo e a capacidade de argumentar racionalmente, nos quais os sujeitos argumentam por meio de suas "perspectivas e pontos de vistas históricos" reconhecendo como válidas as "perspectivas e os pontos de vista dos outros". Com isso, a validade da identidade histórica do sujeito é intrínseca a sua igualdade em relação à alteridade do outro (RÜSEN, 2012, p. 88-89, 107-108).

É da intersubjetividade como princípio que a categoria da interculturalidade ganha sentido. A interculturalidade parte do princípio do reconhecimento igualitário da diferença cultural que supera a compreensão etnocêntrica pautada na tolerância cedida, pelo civilizado, ao não civilizado. As lutas pelo reconhecimento estão na base dos conflitos culturais contemporâneos. Contudo, é no campo

desses conflitos que as chances de comunicação intercultural se fazem valer, pois as “culturas se interpenetram, delimitam-se umas em relação às outras, combatem-se, aprendem umas das outras e se modificam no relacionamento mútuo”(RÜSEN, 2014, p. 296).

No que diz respeito às investigações em Educação Histórica, duas premissas problemáticas, predominantes nas academias ocidentais, inclusive são dominantes no Brasil, devem ser enfrentadas a partir do princípio da interculturalidade: “a monadologia cultural e a lógica da formação de sentido eurocêntrica”. A primeira, a monadologia cultural, parte do princípio de que as civilizações são organizadas em códigos semânticos próprios e se relacionam superficialmente umas com as outras. Essa ideia é sustentada pelo relativismo cultural e cognitivo dos povos; de certa forma, é uma reação reversa às concepções etnocêntricas, mas que não as supera, somente as reafirmam em sua oposição. Já o etnocentrismo se baseia em um discurso que compreende a diferença cultural como um princípio assimétrico que afirma a si próprio em detrimento do outro. É a base para as concepções imperialistas e/ou autoritárias das relações culturais. Esses discursos acadêmicos só podem ser superados quando se tem como princípio o reconhecimento mútuo, onde o tempo teleológico centrado na linha quadripartite eurocêntrica é suplantado pela reconstrução temporal policêntrica. Esta reconstrução é possível no momento em que os sujeitos fazem uso de um entendimento intercultural por meio universais antropológicos e em valores humanistas e igualitários presentes em todas as culturas humanas em suas formas de lutar de pela felicidade e contra o sofrimento (RÜSEN, 2014, p. 295-297).

AS NARRATIVAS HISTÓRICAS VISUAIS COMO POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS JOVENS ESTUDANTES DO MATO GROSSO

Essa investigação é produzida a partir do projeto de pesquisa *Os jovens e as ideias de verdade histórica e intersubjetividade na relação com as narrativas históricas visuais*. O percurso de reflexões e análises até aqui realizadas permitiram delinear como principais objetivos para a investigação: 1) Investigar de que forma as pesquisas relativas ao ensino de historia estão se apropriando das narrativas históricas visuais, sejam elas pertencentes às mídias, sejam às

mediações culturais digitais, no sentido de contribuir para a avaliação das ideias que os jovens têm sobre o passado histórico; 2) Pesquisar a contribuição das categorias de verdade histórica, intersubjetividade e interculturalidade para o desenvolvimento e formação da consciência histórica dos jovens estudantes brasileiros; 3) Avaliar se e como as narrativas históricas visuais, entendidas como artefatos da cultura histórica, possibilitam que aos jovens estudantes de ensino médio do Brasil desenvolverem narrativas históricas orientadas pelas ideias de intersubjetividade e verdade histórica; 4) Analisar de que forma as investigações relativas à aprendizagem em história estão se apropriando das narrativas históricas visuais (histórias em quadrinhos, filmes e games e sites, tais como o *YouTube*) presentes na cultura juvenil na educação básica para construir propostas de avaliação dos conceitos históricos que os jovens mobilizam sobre o passado histórico que está presente em sua consciência histórica.

Para atingir esses objetivos neste projeto de pesquisa os professores historiadores utilizam a seguinte metodologia considerando aqui tanto o público alvo quanto o instrumento de investigação aplicado aos jovens estudantes. O público alvo desta pesquisa são jovens de escolas públicas que estudam no ensino médio no estado do Mato Grosso e jovens graduandos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Para isso, foram produzidos, quando necessário, instrumentos de investigação baseados nos critérios metodológicos da pesquisa qualitativa, sustentadas nos pólos epistemológico, teórico, metodológico e técnico presentes no trabalho de Michelle Lessard-Hébert (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2005). Pretende-se, com isso, investigar os significados dados pelos sujeitos às ações e orientações da práxis vital por eles realizadas e verificas como é mobilizada a competência da geração de sentido histórico quando jovens estudantes entram em contato com narrativas históricas visuais. Os instrumentos de pesquisas em questão contêm questionários de questões abertas e fechadas compreendidos aqui como um estudo piloto, o qual buscou diagnosticar como os jovens entendem a relação entre as narrativas históricas visuais e a verdade histórica. Além disso, se houver necessidade, serão realizadas entrevistas semiestruturadas para melhor compreensão dos dados empíricos.

Os resultados dessa investigação podem indicar a necessidade de ampliação das pesquisas tanto no âmbito qualitativo, quanto

no quantitativo, com o objetivo de se estabelecer critérios sólidos e amplos para verificar como o passado está presente na consciência histórica dos estudantes de ensino médio mato-grossenses e brasileiros em geral.

Com o objetivo de compreender como são trabalhadas as relações interculturais no processo de formação docente em História no estado de Mato Grosso, o primeiro conjunto de pesquisas do projeto inventariou a experiência investigativa relacionada à formação inicial de estudantes (do curso de Licenciatura em História/UFMT) na escola estadual que recebe o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/subprojeto História/Universidade Federal de Mato Grosso – Campos Cuiabá). A partir do início de fevereiro de 2015 investigou-se a ideia de interculturalidade partindo da demanda social de uma escola pública de ensino médio da região central de Cuiabá. Após consultas com professores e estudantes desta instituição escolar foi construído o *Projeto Africanidade e História Africana, Afro-Brasileira e História Indígena*, pois os investigadores constataram que existe um déficit de orientação temporal no que se refere aos debates sobre a identidade afro-brasileira, africana e indígena no sistema escolar mato-grossense².

O projeto propõe como encaminhamento que a construção, no primeiro semestre de 2015, de instrumentos de investigação ligados a estudos exploratórios, que levantaram as problemáticas e carências de orientação temporal relativas às protonarrativas dos estudantes de ensino médio referentes aos temas como discriminação, racismo, embranquecimento e religiosidade a partir do uso de fontes históricas, e dialogam com os conceitos de africanidades, história afro-brasileira e indígena. Os estudantes da escola de ensino médio produziram

2 No caso específico da escola estadual que está sendo investigada constatou-se que essa carência de orientação se dava da seguinte forma: há aproximadamente dez anos atrás essa escola era conhecida pelo excesso de problemas disciplinares e sofria um assédio relevante da violência social existente na região central da cidade de Cuiabá devido às questões ligadas às guerras de gangues e ao tráfico de drogas. Daquele período até o presente (2017), o colégio passou por muitas mudanças em relação às políticas pedagógicas e públicas se tornando uma das escolas de referência da cidade, inclusive formando estudantes e professores que fizeram parte das lideranças dos movimentos de Junho de 2013 e pela implantação de ar-condicionado nas escolas públicas de todo o estado no mesmo ano (ambos os movimentos foram vitoriosos no Mato Grosso). No entanto, essa mudança ocorreu concomitantemente ao processo de branqueamento e elitização social do público discente da escola. Fato este reconhecido pelos próprios estudantes e professores como um problema e uma carência de orientação a ser enfrentada. Constatou-se também que a temática étnico-racial afro-brasileira, africana e indígena é pouco abordada nas aulas de História.

narrativas históricas na forma de jornais, exposições, histórias em quadrinhos e filmes. No segundo semestre de 2015, os resultados dos estudos exploratórios realizados foram analisados à luz da leitura de textos historiográficos ligados à História da África, História Afro-Brasileira e História Indígena que fundamentaram a construção de novos instrumentos de investigação que foram parte de um estudo piloto para o ano de 2016.

Apresentarei as fases investigativas que já foram realizadas e são organizadas a partir da atuação em diferentes projetos de pesquisa realizados pelos estudantes de Licenciatura em História que são bolsistas do Pibid. A divisão desses projetos de pesquisa se deu pelo tipo de fontes que esses estudantes optaram com o objetivo de investigar as ideias históricas protonarrativas relativas à interculturalidade dos alunos do ensino médio.

O projeto *A construção de uma nação: determinismo racial na formação de uma identidade brasileira*, de autoria dos estudantes Anderson Pinheiro Torres, Gabriel Ferreira Borges e Adão Silvio dos Santos (TORRES; BORGES & SANTOS, 2015) investiga se a imagem do Brasil construída no período do Reinado e Império ainda está presente nas ideias históricas dos estudantes de ensino médio. Verificam se nessas protonarrativas dos estudantes a construção de um imaginário moral, civil e estético do Brasil do século XIX deixou rastros de questões raciais e étnicas. Como resultado, buscam perceber se os jovens estudantes questionam os vestígios da história do Brasil oitocentista que ainda se relacionam com resquícios racistas de uma herança escravista. Os autores construíram um instrumento de investigação baseado nas pesquisas da Educação Histórica e utilizaram fontes imagéticas tais como as pinturas históricas de Debret e Rugendas. Fundamentaram as questões desses instrumentos a partir de obras como as de Ana Maria Mauad (1997, p. 181-231) que analisa a construção das imagens no Brasil do século XIX e de Hilton Costa (2004), o qual pesquisa a relação entre o processo do abolicionismo no Brasil e a implantação e vulgarização do racismo científico. O instrumento de investigação foi aplicado em uma turma de primeiro ano do ensino médio³. O resultado final dessa

3 A escolha de estudantes do primeiro ano de ensino médio se deu porque era uma demanda dos professores de História e dos próprios bolsistas pibidianos, pois nos anos anteriores foram investigados somente alunos do terceiro ano do ensino médio. Isto porque o tema pesquisado nos anos 2013 e 2014, a Ditadura Militar Brasileira, no currículo do colégio, é ensinado nesta série. Como a pesquisa é longitudinal são investigados aproximadamente

investigação foi a produção de narrativas na forma de exposição de imagens relativas ao olhar sobre o negro e o indígena no século XIX e suas ressonâncias na contemporaneidade da vida prática.

Outro projeto é o *Jornal Afro e Indígena de 1970 a 2014* de autoria de Jorciane Moreira de Campos, Suellen Patrícia Borges Amorim e Joathan Alves Viana (CAMPOS; AMORIM & VIANA, 2015), que investigam a percepção dos estudantes de ensino médio referentes às temáticas afro-brasileira, afro-americana e indígena no Brasil e no ocidente por meio das narrativas históricas visuais ligadas às mídias populares tais com as histórias em quadrinhos e os seriados. Procuram focar em como as histórias em quadrinhos e seriados mobilizam ideias históricas nos estudantes relativas à discriminação, ao racismo, ao embranquecimento e à religiosidade em relação às culturas africanas e indígenas. O projeto está construído em quatro fases. A primeira foi a construção de um instrumento de investigação baseado em critérios da Educação Histórica (SOBANSKI et al., 2010) que apresenta a metodologia da Unidade Temática Investigativa em História (FERNANDES, 2008) à luz da investigação das histórias em quadrinhos. Esse questionário foi aplicado em aproximadamente 60 estudantes de duas turmas de segundo ano do ensino médio⁴. A partir de alguns resultados preliminares dessa sistematização foram escolhidas algumas das fontes históricas a serem trabalhadas na terceira fase. A segunda fase, diz respeito à organização dos estudantes em grupos para que eles, juntamente com o professor e os PIBIDIANOS, apontem o tipo de produção que farão no jornal. A terceira fase se refere à investigação das fontes historiográficas referentes às culturas africanas e indígenas e das fontes ligadas às histórias em quadrinhos e aos seriados. Já foram escolhidas fontes como fragmentos do seriado *Todo mundo odeia o Chris* retirados do *website YouTube* e histórias em quadrinhos *Tintin na África* e mesmo de personagens da *Marvel* como o *Pantera Negra* e, também, os quadrinhos produzidos por Flávio Colin em relação aos indígenas brasileiros. A quarta fase diz respeito à produção dos artigos, críticas e reportagens, pelos estudantes, que permitiu a construção de um arquivo digital do jornal impresso e online.

de 25 a 30 estudantes. É importante frisar que todos os instrumentos de pesquisa foram debatidos e reestruturados nas reuniões do PIBID/História/UFMT com a devida orientação do coordenador e dos professores supervisores.

4 O critério de escolha de estudantes do segundo ano do ensino médio também se deu porque em 2013 e 2014 essa série não participou das experiências do PIBID/História.

Por fim, projeto *O filme como aprendizagem das africanidades para alunos do Ensino Médio*, de autoria de Mariana Mendonça Macikio e Pedro Henrique Bertolini (MACIKIO & BERTOLINI, 2015) investiga, através de filmes, as ideias históricas que os jovens estudantes de ensino médio têm sobre os afro-brasileiros. Para isso, os autores construíram um instrumento de investigação baseado numa pesquisa sobre a investigação das ideias de alunos de escolas públicas quando vêem filmes históricos dentro dos critérios da Educação Histórica (SOUZA, 2014). O público-alvo desta pesquisa foi definido para a aplicação do instrumento de investigação. Após a sistematização e categorização dos dados empíricos foram construídos grupos focais (GATTI, 2012) para que os filmes sejam debatidos entre os estudantes. Um dos filmes selecionados é *Besouro*. Segundo os autores, o projeto tem como norte a orientação para uma formulação crítica e social – entre orientadores, professores e alunos – sobre como vem sendo tratadas as questões que envolvem o povo negro na sociedade brasileira a partir do confronto de narrativas históricas visuais tais como os filmes. Para que isso ocorra, atividades, debates e análises serão desenvolvidos a fim de verificar se os estudantes produzem narrativas fílmicas em relação ao olhar sobre os negros no Brasil. Outro resultado será a produção de filmes históricos, pelos estudantes, sobre a temática afro-brasileira, “gravados” a partir de seus celulares.

A partir do projeto de pesquisa *Os jovens e as ideias de verdade histórica e intersubjetividade na relação com as narrativas históricas visuais* é trabalhada a busca de possibilidades investigativas das histórias em quadrinhos na relação com a aprendizagem histórica dos jovens. A primeira se refere ao artigo (...) (FRONZA, 2016a), onde se investiga as várias possibilidades de pesquisa que existem na relação entre as histórias em quadrinhos e a cultura escolar de jovens estudantes do ensino médio.

Com o objetivo de verificar como as histórias em quadrinhos, enquanto artefatos da cultura histórica, entraram na cultura escolar, descobriu-se (“FRONZA, 2007) que isso não aconteceu através do currículo oficial. É possível isso tenha ocorrido devido à percepção pública negativa que muitos agentes sociais, tais como professores, padres, políticos e membros da imprensa, tinham desses artefatos da cultura histórica durante grande parte do século XX (GONÇALO JUNIOR, 2004, p. 273-284). No entanto, verificou-se que as histórias

em quadrinhos entraram na cultura escolar de outras formas que já estão sob investigação.

As investigações sobre as narrativas históricas gráficas que entraram nas escolas se apresentam tipologicamente a partir de cinco formas que se entrecruzam: 1) através de histórias em quadrinhos relacionadas com o mercado de quadrinhos ficcionais com temas históricos que os professores e os estudantes trazem para o espaço escolar (BONIFÁCIO, 2005; BARBOSA, 2006; "Autor", 2007); 2) por meio das histórias em quadrinhos que estão nos livros didáticos de história (BONIFÁCIO, 2005; NERES, 2005; "Autor", 2007); 3) por meio das histórias em quadrinhos paradidáticas (LEE, 2006; GAGO, 2012; "Autor", 2012); 4) através de histórias em quadrinhos produzidos pelos próprios alunos ("Autor", 2012). Algumas investigações apresentam um quinto tipo: 5) a introdução, nas escolas, de histórias em quadrinhos biográficas, autobiográficas ou de investigação sobre os sujeitos que viveram alguns dos acontecimentos históricos da modernidade (WITEK, 1989; GUNDERMANN, 2007).

Em um capítulo intitulado (...) ("Autor", 2016b) desenvolveu-se um estudo sobre esse quinto tipo de pesquisa porque essa possibilidade de investigar as histórias em quadrinhos (auto) biográficas no âmbito da aprendizagem histórica ainda é pouco estudada na Didática da História e necessita de uma investigação mais aprofundada no campo de pesquisa da Educação Histórica, embora já existam alguns estudos nos campos da historiografia e teoria da linguagem das histórias em quadrinhos.

Neste sentido, esses artefatos da cultura histórica podem ser estruturados como narrativas (auto)biográficas que permitem aos jovens formar um senso de orientação temporal que se baseia no autoconhecimento a partir da práxis social na sua relação com o outro. De acordo com Ludmila Jordanova (2006, p. 45-46, 95), a biografia deve ser entendida para além de um gênero literário. Isto porque considera o sujeito como uma unidade de análise dentro de uma abordagem histórica particular onde a ação da individualidade é a convergência de várias forças históricas que incluem um momento da vida humana numa temporalidade histórica da humanidade.

Além disso, o gênero biográfico é fundamental para entender a imagem pública do sujeito. Philip Lejeune (1996, p. 237), entende que nas autobiografias, há um pacto entre o escritor (no caso das histórias em quadrinhos autobiográficas, os quadrinistas) e o leitor.

Portanto, há uma expansão de espaços narrativos do eu enquanto uma mediação entre o público e privado (ARFUCH, 2010, p. 28).

Seu perfil é caracterizado pela investigação de narrativas históricas gráficas de caráter biográfico e autobiográfico ou inclusive sobre temas e eventos históricos da história da humanidade: a Guerra Civil dos EUA, a Primeira Guerra Mundial, o Holocausto nazista, as bombas de Hiroshima, as *Intifadas* e a guerra de libertação da Palestina, a formação do movimento estudantil em um país, a constituição do modo de vida ocidental, etc. (WITEK, 1989; GUNDERMANN, 2007). Além disso, investiga as implicações desse tipo de histórias em quadrinhos como contribuição para as discussões sobre a Didática da História, tais como as biografias de outros sujeitos que sofreram no passado. Isso ajuda a pensar como os jovens constroem suas identidades históricas.

Segundo Rocco Versaci (2007, p. 38-39), os quadrinhos biográficos e autobiográficos apresentam modos de expressão da perspectiva de primeira pessoa para além da escrita. É possível que o personagem (auto)biografado empreenda uma conversa direta com o leitor através dos balões de fala. Isso permite uma relação íntima entre o autor e o leitor. Além disso, outra característica dos quadrinhos são os balões de pensamento, onde o autor cria uma imagem de uma cena que revela uma “janela secreta” dos pensamentos e sentimentos do (auto)biografado. Esses artefatos da cultura histórica tornam possíveis as narrativas conscientes e inconscientes de sujeitos, tais como traumas, sonhos, desejos e projetos de futuro. Outro elemento da linguagem dos quadrinhos é a caixa de texto ou “box” que, além de indicar uma narração em primeira ou terceira pessoa, permite uma disjunção entre o autor e o (auto)biografado que recria a imagem visual do sujeito no passado. No entanto, o texto quadrinizado dirige a voz do autor para os vários momentos no tempo, incluindo a voz do “presente” que reflete os acontecimentos do passado.

A diferença de potencial dessa pesquisa é que as histórias em quadrinhos têm sido perspectivadas a partir do princípio epistemológico da narrativa histórica como uma forma de expressão da orientação de sentido no tempo, a qual expressa o diálogo entre as experiências de sofrimento do passado que constituem as interpretações e problematizações e estruturam as perspectivas utópicas de futuro, possibilitando, assim, o desenvolvimento da

competência de geração de sentido histórico para os sujeitos (RÜSEN, 2015a).

Um trabalho fundamental a esse respeito é “Comic books as History: the narrative art of Jack Jackson, Art Spiegelman and Harvey Pekar”, de Joseph Witek (1989), o qual tem como objetivo investigar quadrinhos biográficos e autobiográficos enquanto narrativas históricas que buscam superar a alienação potencial desses meios de comunicação através de temas como os conflitos culturais na história ocidental, os limites entre a culpa e sofrimento no seio das famílias, e os desafios e triunfos de sujeitos na práxis contemporânea.

Autores como Jack Jackson (*Los Tejanos, Comanche Moon*), Art Spiegelman (*Mauss*) e Harvey Pekar (*American Splendor*) destruíram as velhas formas narrativas das histórias em quadrinhos para injetar novos valores e significados históricos de sentido de orientação no tempo a partir de narrativas históricas gráficas de cunho (auto) biográfico. Seus quadrinhos lutam contra o consenso didático guiado pelo nacionalismo tradicional e pelo etnocentrismo; e são histórias em quadrinhos que propõem perspectivas interculturais que recuperam os narradores dos despossuídos e marginalizados pela tradição e história curricularizadas (WITEK, 1989, p. 3-4).

Investigação inovadora no campo de pesquisa da Educação Histórica no Brasil é *Aprendizagem Histórica de jovens estudantes no envolvimento com o jogo eletrônico: Um estudo da relação intersubjetiva entre consciência histórica e cultura histórica* (FREITAS, 2017), no qual o professor historiador Rafael Reinaldo Freitas estuda por meio de questões próprias da ciência histórica, as narrativas de constituição de sentido para a consciência histórica.

Nessa investigação os jogos eletrônicos são compreendidos como artefatos enraizados na cultura jovem, pois através deles os jovens estudantes se envolvem e subjetivam sua narrativa. Porém a aprendizagem majoritariamente é estereotipada pela ficção e vista como um brinquedo, ou seja, estudantes e docentes ainda estão carregados de preconceitos com a linguagem dos *games*, por isso a necessidade de entendê-la como expressão do conhecimento histórico. Busca compreender os jogos eletrônicos como expressão do conhecimento histórico que surge na convicção de que a investigação não deve se limitar a análise das narrativas históricas que materializam a consciência histórica. Por isso, deve-se pensar a forma que o *videogame* estetiza o passado. Isto porque os jogos

eletrônicos possuem potencialidades em relação à percepção do passado humano. Porém, o debate deve ir mais além do estético e há a necessidade de investigar a manifestação das outras dimensões da cultura histórica.

A partir da investigação qualitativa proposta por Uwe Flick (2004), a codificação teórica partiu da epistemologia da história, no entendimento da interpretação ancorada nas possibilidades integradoras de futuras pesquisas. O método de redução de dados na codificação aberta sugere a explanação de fenômenos na forma de conceito. Seguindo critérios de triangulação metodológica, o objetivo desse trabalho em perceber a mobilização das questões da epistemologia da história a partir da significação dada pelos jovens estudantes de duas escolas técnicas federais do Paraná investigados, os conceitos de narrativa histórica, experiência histórica e verdade histórica foram unidades de significados agrupados em torno do processo de aprendizagem histórica.

A investigação permitiu a Rafael Freitas (2017) encontrar algumas categorias organizadoras dos jovens estudantes quando questionados sobre os jogos eletrônicos: o envolvimento em estresse pela tensão entre a verdade histórica e a estética dos jogos; o envolvimento pelo viés da janela para o passado; e o envolvimento pelo sentimento de pertencimento. Essas categorias possibilitaram averiguar algumas conclusões tais como a constatação de que é numerosa a quantidade de jovens que afirmaram investir tempo nos jogos eletrônicos, que percebem a possibilidade de aprendizagem histórica, contudo, denunciam a inexistência de um diálogo com esses artefatos nas aulas de história. Outra constatação é que os jovens e as jovens investigados mobilizaram questões importantes da metateoria da história, questões como perspectiva, intencionalidade, objetividade, estética, entre outras; a empatia ou antipatia histórica foram mobilizadas dentro das estratégias voltadas para a dimensão estética da cultura histórica. Contudo, a relação com a verdade histórica foi fundamental nos resultados empíricos.

As aulas de história se mostram como espaço privilegiado para discussão sobre a história enquanto ciência, se os jogos eletrônicos forem compreendidos como artefatos da cultura histórica que mobilizam primordialmente o prazer, pois espaço escolar funde as duas dimensões – o prazer na estética e a razão da ciência. Para os jovens, a intersubjetividade é fundamental no processo de subjetivação

do conhecimento histórico por parte dos jovens. A dimensão estética é valorizada, porém há argumentos que perpassam todas as outras dimensões da cultura histórica. Finalmente Rafael Freitas (2017) constatou que os jovens e as jovens estudantes pautam os jogos eletrônicos por meio do pensamento histórico atribuído às formas de apresentação da pesquisa histórica, ou seja, vêem esses artefatos como uma forma de expressão do conhecimento histórico.

Produção de grande relevância pelo seu caráter inovador foi a realizada pela professora historiadora Jorciane Moreira de Campos (2017) denominado *Aprendizagem histórica a partir dos manhwas: um diálogo entre a história e as histórias em quadrinhos sul coreanas* onde investiga a possibilidade de construção de contexto histórico oriental, da parte dos estudantes do ensino médio, a partir das histórias em quadrinhos, entendidas aqui como arte sequencial, e sua aplicação dentro de cada classificação, ao ensino de História e demonstrar e analisar a importância cultural do *manhwa*, originários da Coreia do Sul, para a sociedade coreana e para a cultura histórica brasileira. Como metodologia foi utilizada como base a pesquisa realizada por "Autor" (2012), que levando em consideração as narrativas das histórias em quadrinhos e a Educação Histórica, focou-se na linha de investigação ligada à cognição histórica situada (SCHMIDT, 2009). Assim sendo, esse projeto consistiu na pesquisa bibliográfica tanto de teóricos do Ensino de História como da utilização das histórias em quadrinhos nas aulas de história.

Segundo a autora (CAMPOS, 2017, p. 37), essa investigação se justifica pela seguinte pergunta investigativa: "Mas porque estudar as histórias em quadrinhos, os *manhwas* ou a Coreia do Sul?". E assim ela a responde: uma forma de incorporar as experiências históricas relativas ao Oriente na aprendizagem histórica dos estudantes brasileiros seria por meio de mídias que atraíam a atenção dos jovens, sendo que uma delas são as histórias em quadrinhos. O Brasil é um país que desde sua colonização foi composto por várias culturas étnicas diferentes, e com o passar do tempo, principalmente, durante as duas Guerras Mundiais, recebeu um número considerável de imigrantes e, portanto, não deixou de abrir suas portas também para os coreanos. Desde 1950 temos registros de coreanos imigrando para o Brasil, de modo que também já fazem parte da população brasileira, assim como da cultura histórica brasileira, sem abandonar a historicidade de sua própria cultura. O Oriente tem estado presente

no nosso dia a dia, na forma de mangás e animês japoneses, e *manhwas* e *doramas* coreanos, e deveria começar a ser aprendido nas aulas de História, e não somente como mais um capítulo do livro didático de História a ser pulado e ignorado como se não fizesse parte da cultura histórica brasileira.

Algumas características marcantes que diferenciam os *manhwas* dos mangás japoneses, apesar das suas similaridades, são os desenhos. Muitas vezes, os traços coreanos são mais próximos das imagens dos seres humanos, com cílios bem desenhados nos personagens. A dimensão ética da cultura histórica expressa nesses artefatos se expressa nos temas das histórias que raramente apresentam desrespeito aos mais velhos (ou pais), mesmo que estes sejam os vilões. Os personagens têm que se provarem merecedores do seu objetivo. Seja pelo amor correspondido ou por salvar alguém; ele sofrerá muito até conseguir o que deseja. Esse sofrimento é chamado de *Han*, pois assim, ao alcançar seu objetivo, ele saberá valorizar o que conseguiu. Essa concepção do sofrimento *Han* se articula muito bem com a dimensão do sofrimento humano presente na concepção do novo humanismo proposta por Jörn Rüsen (2015b). As vinganças nas tramas raramente são concretizadas, e quando o são, não há satisfação do vingador na mesma. E sempre acontecem muito mais tramas de fundo ao mesmo tempo em que ocorre a principal em comparação com os mangás e as histórias em quadrinhos ocidentais, permitindo uma concepção multiperspectivada do passado narrado.

Jorciane Campos (2017, p. 56) investiga não só os *manhwas* com temas históricos, pois esses apesar de abordarem tanto a história como mitologia coreana, nem sempre são do agrado dos jovens estudantes leitores. Essa investigação, ao abordar os gêneros de ação ou comédia romântica (com temas colegiais), possibilita fazer com que os jovens estudantes aprendam sobre costumes, tradições e linguagem do passado coreano. Assim, como os imigrantes japoneses ensinavam japonês aos seus filhos utilizando os mangás, para atrair a atenção dos jovens, pode-se utilizar os *manhwas* para compreender como os estudantes brasileiros desenvolvem operações mentais da narrativa histórica da cultura histórica coreana que podem dialogar com a brasileira.

Com estratégias didáticas diversificadas desse projeto de pesquisa e relacionadas a narrativas históricas visuais, dentro

dos critérios de uma Didática da História pautada nos princípios da experiência histórica, da subjetividade e da intersubjetividade, é possível descortinar uma série de investigações que buscam encontrar caminhos para a construção de uma compreensão histórica intercultural na formação da identidade dos estudantes de ensino médio em Mato Grosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indico como conclusão algumas breves reflexões sobre as investigações do Grupo Pesquisador Educação Histórica: Consciência histórica e narrativas visuais (GPEDUH/UFMT) relativas às ideias históricas de jovens estudantes a partir das narrativas históricas visuais. Considerando que as experiências investigativas explicitadas buscam seguir como critério os princípios de uma cognição histórica situada na epistemologia da História e na teoria da consciência histórica (SCHMIDT, 2009; RÜSEN, 2012; 2014) entendidas como princípios fundamentais da competência da geração de sentido histórico dos sujeitos, são demarcados os parâmetros para o debate sobre a verdade histórica e a intersubjetividade por meio da construção da interculturalidade nas investigações em Educação Histórica no Mato Grosso.

Essas considerações possibilitam o entendimento de que as narrativas históricas visuais permitem aos jovens expressar as formas de subjetividades construídas na sua relação com a forma escolar em que o conhecimento histórico se organiza. É perceptível que a cultura juvenil forneça critérios estéticos, políticos, cognitivos e éticos para que sejam avaliados os modos como estes sujeitos apropriam-se das experiências do passado e quais os valores que quando são confrontados com a cultura histórica de sua comunidade.

Ainda está por se construir uma investigação sobre qual a forma que a competência de geração de sentido histórico que os jovens constroem quando são confrontados com narrativas históricas visuais biográficas e autobiográficas que forneçam valores e significado históricos que façam sentido para suas vidas práticas e orientem a formação de suas identidades históricas como um processo criativo de autoconhecimento. Verificaram-se nas investigações abordadas que tanto no caso dos *games*, pinturas, filmes e seriados, quanto no dos *manhwas* e outras formas de histórias em quadrinhos, que

narrativas sobre a vida de sujeitos, que expressem seus sofrimentos e lutas, permitem uma compreensão viva dos significados históricos das experiências do passado para os jovens estudantes. Com isso, é possível investigar os critérios de orientação temporal relativos às formas de aprendizagem histórica que estes jovens estão construindo quando entram em contato com estes artefatos da cultura histórica.

Portanto, as narrativas históricas visuais, quando humanizadas pela dimensão do sofrimento, podem ser fios condutores para a construção da narrativa que os estudantes constroem para si na relação que têm com a escola e a orientação para práxis da vida humana. Permitem que desenvolvam operações mentais da consciência histórica que conduzam para um posicionamento no mundo em prol de uma competência de geração do sentido histórico fundamentado no princípio da humanidade enquanto igualdade.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BARBOSA, Alexandre Valença Alves. *Histórias em quadrinhos sobre a História do Brasil em 1950: a narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras*. 2006, 253p. (Dissertação de Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BARCA, Isabel. *O pensamento histórico dos jovens: idéias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2000.
- BONIFÁCIO, Selma de Fátima. *História e(m) quadrinhos: análises sobre a História ensinada na arte sequencial*. 2005. 209p. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- CAMPOS, Jorciane Moreira de; AMORIM, Suellen. P. B.; VIANA, Joathan. A. *Jornal Afro e Indígena de 1970 a 2014*. Cuiabá, 2015 (mimeo.).
- CAMPOS, Jorciane Moreira de. *Aprendizagem histórica a partir dos manhwas: um diálogo entre a história e as histórias em quadrinhos sul coreanas*. 2017. 62p. (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História). Departamento de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.
- COSTA, Hilton. *Horizontes Raciais: a idéia de raça no pensamento social brasileiro. 1880-1930*. 2004. 148p. (Dissertação de Mestrado em História)–

Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. Hierarquias brasileiras: abolição da escravatura e as teorias do racismo científico. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros-NEAB, UFPR. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/hilton%20costa.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

DRAY, William. *Filosofia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

_____. *Perspectives on history*. Londres: Routledge and Paul Kegan, 1980.

FERNANDES, Lindamir Zeglin. A Reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa. In: *Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes*. São Paulo: FEUSP - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, s/p., 2008.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREITAS, Rafael Reinaldo. Aprendizagem histórica de jovens estudantes no envolvimento com o jogo eletrônico: um estudo da relação intersubjetiva entre consciência histórica e cultura histórica. 2017. 203p. (Dissertação de Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

"Autor". 2007, 170p. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

"Autor". 2012, 465p. (Tese de Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

"Autor". Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. XX-XX, 2016a.

"Autor". In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos. *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2016, p. XXX-XXX.

GAGO, Marília. *Pluralidade de olhares: construtivismo e multiperspectiva no processo de aprendizagem*. Lisboa: Pensar a educação, 2012.

GATTI, Bernadete. *Grupo focal de pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro, 2012 (Série Pesquisa, 10).

GONÇALO JUNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUNDERMANN, Christine. *Jenseits von Asterix: Comics im Geschichtsunterricht*. Schwalbach: Wochenschau Verlag, 2007.

JORDANOVA, Ludmila. *History in practice*. New York: Oxford university Press, 2006.

As possibilidades Investigativas... - Marcelo Fronza

LEE, Peter; ASHBY, Rosalyn. Progression in historical understanding among students ages 7-14. In: STEARNS, Perter N.; SEIXAS, Peter; WINEBURG, Sam (eds.). *Knowing, teaching and learning History: national and international perspectives*. New York: New York University Press, 2000, p. 199-222.

LEE, Peter. Understanding History. In: SEIXAS, Peter (ed.). *Theorizing historical consciousness*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 2006, p. 129-164.

LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Editions de Seuil, 1996.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MACIKIO, Mariana Mendonça; BERTOLINI, Pedro Henrique. *O filme como aprendizagem das africanidades para alunos do Ensino Médio*. Cuiabá, 2015 (mimeo.).

MARTIN, Raymond. *The past with us: an empirical approach to Philosophy of History*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

_____. Objectivity and meaning in historical studies: toward a post-analytic view. In: *History and Theory: Studies in the Philosophy of History*, Middletown: Wesleyan University, v. 32, n. 1, p. 25-50, 1993.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, L. F. de (org.). *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.181-231.

McCULLAGH, C. Behan. *Justifying historical descriptions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. *The truth of History*. London/New York: Routledge, 1998.

NERES, Julio Maria. *A Produção Didática de História em Quadrinhos: Julierme e a história para a escola moderna (1969-1975)*. 2005. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

RÜSEN, Jörn. *A razão histórica: Teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

_____. *História viva: Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB, 2007.

_____. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. *Cultura histórica*, 2009. [Versión castellana inédita del texto original alemán en K. Füssmann, H.T. Grütter y J. Rüsen, eds.. *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, 1994, p. 3-26]. Disponível em: <http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2010.

_____. *Aprendizagem histórica: Fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

_____. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015a.

_____. Formando a consciência histórica – para uma didática humanista da história. In.: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd (orgs.). *Humanismo e didática da história (Jörn Rüsen)*. Curitiba: W. A. Editores, 2015b, p. 19-42.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cognição histórica situada: que aprendizagem é esta? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Aprender História: perspectivas da Educação Histórica*. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 21-50.

SOBANSKI, Adriane de Quadros et al. *Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções*. Curitiba: Editora Base, 2010.

SOUZA, Eder Cristiano. *Cinema e educação histórica: jovens e sua relação com a história em filmes*. 2014. 357p. (Tese de Doutorado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

TORRES, Anderson Pinheiro; BORGES, Gabriel Ferreira; SANTOS, Adão S. A *construção de uma nação: determinismo racial na formação de uma identidade brasileira*. Cuiabá, 2015 (mimeo.)

VERSACI, Rocco. *This book contains graphic language: comics as literature*. New York/London: The Continuum International Publishing Group, 2007.

WALSH, W. H. *Introdução à filosofia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WITEK, Joseph. *Comic books as History: the narrative art of Jack Jackson, Art Spiegelman and Harvey Pekar*. Jackson: University Press of Mississippi, 1989.

Submetido em Agosto 2017

Aceito em Novembro 2017

Publicado em Janeiro 2018